



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 04

Flaviane Canavesi¹; Iracema F. Moura²

¹ Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ); Doutorado em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ). Professora na Universidade de Brasília (FAV/UNB). E-mail - canavesi.flaviane@gmail.com; ² Mestrado em Desenvolvimento Econômico (UNICAMP), doutorado em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária (UFRRJ). E-mail - iracemamoura2000@yahoo.com.br

As Rodas de Diálogos, propostas como metodologia de um dos momentos do II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA), tiveram como objetivo reunir um conjunto de experiências. A partir de uma introdução reflexiva e provocativa realizada por facilitadores(as), as diferentes experiências foram apresentadas trazendo um conjunto de contribuições para avançar nos princípios da Educação em Agroecologia.

Abordaremos aqui uma das Rodas de Diálogos que reuniu nove experiências de sete estados brasileiros diferentes. O quadro 1 relaciona as experiências que, ao longo da dinâmica da Roda de Diálogos, puderam expor oralmente, debater e trocar suas vivências.

Quadro 1: Experiências apresentadas durante a Roda de Diálogos

UF	Título
SP	Tecelagem de territórios: a experiência da Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira - SP
MG	Intercâmbios agroecológicos: aprendizados coletivos e assistência técnica compartilhada
MG	Núcleo de educação do campo e agroecologia (ECOA): uma construção plural e coletiva
SC	Educação do campo e núcleo de estudos em agroecologia: experiências em implantação no Instituto Federal Catarinense Campus Avançado de Abelardo Luz
PA	Relato de experiência na dinâmica de espaço agrário nas comunidades da Soledade município de Augusto Correa (PA)
SE	Aprendizado agroecológico em rede com a metodologia camponês a camponês
SE	Diálogos entre educação-pesquisa-extensão: contraponto ao processo convencional de transferência de tecnologia, no território do Alto Sertão Sergipano



UF	Título
BA	Novas cartografias sociais: a extensão e a pesquisa como aportes ao ensino de agroecologia
CE	Agroecologia e educação do campo: a experiência da escola do campo Florestan Fernandes no assentamento Santana – Monsenhor Tabosa/CE

Fonte: organização das autoras;

Um dos momentos importantes da roda foi a instalação pedagógica onde símbolos como livros, bordados, sementes, bandeiras e fotos que representavam as diferentes experiências foram dispostos de forma a criar um ambiente comum, ilustrado na Foto 1.

Foto 1: Instalação pedagógica realizada pela Roda de Diálogos 04



Fonte: arquivo das autoras

Esta síntese registra os pontos debatidos a partir das experiências em curso, apontando avanços e desafios para a construção do conhecimento agroecológico, além de indicar e/ou reafirmar, a partir do conjunto das experiências, princípios e diretrizes gerais para a Educação em Agroecologia.

No Quadro 2 (Apêndice), apresentamos a síntese das experiências feita a partir dos trabalhos submetidos ao II SNEA e do debate, reflexão e trocas entre as experiências durante o seminário.



A Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Ribeira (SP) reuniu redes de núcleos de agroecologia (NEAs) na região Sudeste do país que realizaram uma análise coletiva do desenvolvimento rural com abordagem territorial. A Caravana possibilitou a criação de espaços de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão relativos às experiências visitadas ao longo dos cinco dias de sua realização e destacou uma metodologia inovadora, tanto para a construção de conhecimentos para uma transição agroecológica, quanto para a Educação em Agroecologia. Fez uso das instalações artístico-pedagógicas defendendo que este tipo de metodologia tem um caráter artístico pois, usa de forma lúdica elementos visuais, aromas, sabores, além de recursos de teatro, música e poesia, para provocar aqueles que visitam a instalação. Segundo a experiência, tal metodologia possibilita a interação e facilitação das trocas de saberes vindos de contextos socioculturais diferentes. Sendo assim “o protagonismo narrativo é dos anfitriões, agricultoras e agricultores”, ou seja, “o diálogo direto com o princípio da transformação e da complexidade na Educação em Agroecologia, principalmente pelo fato de promover uma prática emancipatória que visa o protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais solidárias, e por criar um ambiente em que os(as) agricultores(as) atuam como educadores(as) no processo de formação”. É nesta perspectiva que diferentes saberes são valorizados e dialogam entre si. Esta experiência também tem interface com avaliação de políticas públicas acessadas pelas experiências visitadas propondo ajustes ou reivindicando maior acesso.

Há uma integração que leva ao fortalecimento das redes e ressalta o “princípio da vida trazido pela proposta da Educação em Agroecologia, considerando sua otimização e valorização, o fortalecimento de processos endógenos, locais e comunitários, e de uma economia ecológica e solidária”.

Na Zona da Mata Mineira temos duas experiências. A experiência intitulada “Intercâmbios agroecológicos: aprendizados coletivos e assistência técnica compartilhada” apresenta a realização dos intercâmbios agroecológicos no município de Divino-MG, protagonizados pelas organizações locais de agricultores(as), em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV). A metodologia “Camponês a Camponês”, com devidas adaptações (ressaltam os autores), está sendo adotada desde 2008 com a denominação de Intercâmbios



Agroecológicos.

Os intercâmbios proporcionam a mobilização das comunidades garantindo a presença igualitária das mulheres e dos jovens e crianças, que participam livremente. Estes momentos partem de uma “visão sistêmica; valorização da alimentação local e da cultura alimentar para garantia de uma alimentação saudável; espiritualidade para fortalecimento da luta; o resgate da cultura do diálogo; muitas trocas de conhecimentos e entrelaçamento de saberes científicos e populares; redução da centralidade do técnico”.

Os intercâmbios, segundo relatos, possibilitam relações horizontais entre pesquisadores, técnicos e agricultores, e entre as próprias famílias das comunidades. Entretanto, para sua realização é exigido mobilizações locais, o que pressupõe a compreensão, pelas organizações e atores, de que outra assistência técnica e extensão rural, de forma compartilhada, não só é necessária como possível através do empoderamento político dos sujeitos envolvidos.

Para a mobilização, a experiência conta com apoio de sindicatos de trabalhadores rurais, principalmente com programa de rádio, da igreja, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e organizações locais, que assumem a dinâmica “camponês a camponês”. Existem ainda universidades apoiando esta estratégia como a UFV, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Centro Universitário de Caratinga (Unec). O relato traz importantes constatações de como as políticas públicas possibilitaram o desenvolvimento da metodologia dos intercâmbios e melhorias para a vida das famílias. Esta experiência foi apresentada por uma agricultora e um agricultor que são mobilizadores da iniciativa.

No mesmo território, articulando organizações e sujeitos sociais que compõem em rede o movimento agroecológico desde a década de 1970 e da educação do campo da Zona da Mata mineira, tivemos o relato do Núcleo ECOA-UFV. O Núcleo conecta e aproxima as iniciativas em curso, de modo a potencializar a construção coletiva de ações em prol da educação do campo e da agroecologia, por meio do desenvolvimento de programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão dentro da dinâmica do tecido social existente. O relato possibilitou a compreensão da origem da agroecologia na Zona da Mata mineira e os seus componentes espirituais, técnicos e políticos, os quais deram



sustentação ao movimento agroecológico da região. Outro destaque do trabalho é dado à influência nacional sobre as ações na UFV. Uma vez que a criação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), bem como a existência de políticas públicas de apoio a agricultura familiar repercutiram também na e da UFV. Foram discutidos, a partir desta experiência, o papel do Núcleo enquanto mediador de organizações locais, trazendo a reflexão sobre a representação indireta, somreamento de ações e de autonomia dos grupos. O Núcleo se afirma como importante para o fortalecimento de redes, a institucionalização da agroecologia, o financiamento de ações e a influência sobre as políticas públicas.

Estas três primeiras experiências na região Sudeste articulam-se entre si, tendo a centralidade da UFV, uma vez que coordena a Rede de Núcleos de Agroecologia (R-NEA Sudeste) e, portanto, a partir das parcerias, potencializa tais ações a nível regional.

No Oeste de Santa Catarina conhecemos a experiência em educação do campo e Núcleo de Estudos em Agroecologia do Instituto Federal Catarinense - Campus Avançado de Abelardo Luz. Experiência em educação formal, trata de um projeto político pedagógico que adota a pedagogia da alternância, com o Tempo Escola (TE), com aulas teóricas e práticas, e o Tempo Comunidade (TC). Reflete sobre o papel dos professores como mediadores dos conhecimentos e traz para a prática educativa a realidade das unidades de vida e de produção dos educandos. Dialoga com os princípios da Educação em Agroecologia e apresentação de metodologias usadas no ensino-aprendizagem.

A experiência “Relato de experiência na dinâmica de espaço agrário na comunidade da Soledade município de Augusto Correa-PA” relatou como se deu a aproximação dos conhecimentos de estudantes e assentados da reforma agrária, refletindo sobre a ocupação dos espaços agrários e o mapeamento de atividades agrícolas sustentáveis.

Diferente da maioria das experiências apresentadas na Roda de Diálogos, esta não está inserida na dinâmica dos Núcleos de Agroecologia e conta com baixo apoio institucional. Com forte atuação junto a movimentos sociais como a Via Campesina, desenvolve tecnologias sociais com resgate de conhecimentos ancestrais e práticas tradicionais, como é o caso dos estudos em torna a Mandioca Brava.



Partindo para as experiências da região Nordeste, pudemos observar experiências entre regiões dialogando como é o caso do aprendizado agroecológico com uso e adequação da metodologia camponês a camponês trazido também por iniciativa no território Sul Sergipano (SE). Este trabalho apresentou aspectos relacionados a sistematização de experiências com posterior elaboração de boletins e dialoga com a Educação em Agroecologia quando aponta a complexidade, diversidade e encontros de saberes nas atividades realizadas. Os elementos trazidos pela experiência, possibilitam uma reflexão sobre a construção do conhecimento agroecológico e da troca entre diferentes sujeitos no meio rural. Tem como principal resultado a consolidação de redes territoriais de aprendizagem agroecológica que incentivam a alteração ou melhorias das práticas, estabelece relações de solidariedade e “cria conhecimentos” que são compartilhados por todos. Tendo a Embrapa Tabuleiros Costeiros como apresentadora das experiências em Sergipe, também foram apresentados resultados dos “Diálogos entre educação-pesquisa-extensão: contraponto ao processo convencional de transferência de tecnologia, no território do Alto Sertão Sergipano”. Foi apresentado um contraponto ao processo convencional de transferência de tecnologia no território do Alto Sertão Sergipano a partir do trabalho com as famílias agricultoras beneficiárias do Plano Brasil Sem Miséria. As ações foram iniciadas em 2011, com a atuação principal da Empresa Pública de Desenvolvimento e Extensão Rural (Emdagro) e tinha como objetivo promover a inovação agroecológica dos agroecossistemas. Foram fortemente destacados na execução desse projeto a aproximação e articulação político-institucional envolvendo Embrapa, técnicos e extensionistas da Emdagro, secretarias de governo dos municípios do referido território, sindicatos de trabalhadores rurais e associações de agricultores familiares dos municípios onde foram implantadas Unidades de Aprendizagem (UA). Metodologias tradicionalmente utilizadas com destaque para a Transferência de Tecnologia na EMBRAPA passaram a ser substituídas por um processo pedagógico multidimensional que integra educação-pesquisa-extensão combinada com ação-participativa, onde associa e integra teoria, prática e vivência das famílias agricultoras, da equipe do projeto e da equipe de extensão rural.

Estas experiências em Sergipe dialogam entre si através de Núcleo de Agroecologia, envolvem a extensão rural em assentamentos rurais atendidos pela Assessoria Técnica Social e Ambiental



(ATES) e se consolida a partir da Rede Sergipana de Agroecologia com a realização de Caravana no estado.

Já a experiência “Novas Cartografias Sociais: a extensão e a pesquisa como aportes ao ensino de Agroecologia” abordou o ensino em agroecologia baseado nas relações de pesquisa e extensão com comunidades de fundo e fecho de pasto do interior da Bahia realizado em interlocução com uma rede de pesquisadores e movimentos sociais vinculados ao “Projeto Nova Cartografia Social”. Tratou as implicações de uma trajetória profissional para o ensino de agroecologia na qual a organização de agroecossistemas é percebida a partir de modos de vida tradicionais. Ressalta a importância de “um agrônomo que passa a articular os conhecimentos e metodologias das ciências sociais e da antropologia”. A experiência, sistematizada neste trabalho, discute os desafios que se colocam para o ensino de agroecologia. Dentre os desafios apontados estão a “formação disciplinar segmentada, a concepção da tradição como forma de se contrapor ao modelo capitalista de desenvolvimento, o rompimento com as pré-noções e a naturalização dos conceitos, ao mesmo tempo em que deve estar atento as transformações nos modos de vida e conhecimentos tradicionais”. A apresentação desta experiência surtiu forte debate sobre a concepção de metodologia participativa que, de fato, tenha possibilidade de dar voz às comunidades, atenuando o poder dos mediadores.

A “Agroecologia e educação do campo: a experiência da escola do campo Florestan Fernandes no assentamento Santana – Monsenhor Tabosa/CE” trouxe as contribuições da escola do campo de ensino médio à transição agroecológica em assentamento rural. Os resultados da pesquisa apontam uma relação estreita entre a proposta de Educação do Campo e a Agroecologia presentes no currículo da Escola. A Escola Florestan Fernandes corresponde a uma experiência que prima pelo vínculo do trabalho, educação e realidade ligados aos seus princípios educativos. As ações e proposta da escola reforçam a sua finalidade enquanto espaço de formação humana e transformações sociais. No relato, o princípio da transformação está presente na promoção de práticas pedagógicas emancipatórias na escola que sai do seu “muro” e envolve todo o assentamento.

Considerações finais



As experiências mostraram interface com os princípios da Educação em Agroecologia e trouxeram elementos de reflexão coletiva para o grupo que participou da Roda de Diálogos.

As metodologias participativas apresentadas mostraram o requisito da mobilização e apoio das organizações locais e das famílias envolvidas para o sucesso das atividades.

O conceito de participação foi bastante questionado, uma vez que a institucionalização de redes, através de núcleos mediadores, podem exercer um tipo de poder sobre as comunidades locais. Tal aprofundamento metodológico sobre o papel da mediação tem sido debatido com profundidade pelo projeto “Nova cartografia social” que trouxe elementos de crítica que enriqueceu o debate apontando a necessidade de pensar ações no sentido de dar mais voz e autonomia às comunidades.

A metodologia utilizada nas Roda de Diálogos possibilitou uma apreensão coletiva dos trabalhos como não seria possível em apresentações individualizadas em *posters*, porém, ainda que tenha surtido conhecimento dos resultados para um público que protagoniza experiências comuns, alguns pontos mais densos e que necessitavam de uma maior reflexão, não puderam ser aprofundados. Este foi o caso de elementos mais teóricos que envolviam a cartografia social onde a proposta metodológica interfere até mesmo na diluição do poder dos mediadores, dando maior voz na visibilização dos povos.

Após as trocas que se sucederam com a metodologia do carrossel, onde os grupos visitaram-se entre si, foi encerrada a instalação pedagógica com saldo de integração e aprendizados entre seus participantes, além de trocas dos materiais trazidos para o seminário.